

A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTUDUAL PROF. ADERSON DE MENEZES: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES NO PIBID/UEA-PARINTINS

Carla Cristina Barbosa Souza ¹

Cibele Rodrigues Silva ²

Franciney da Silva Andrade ³

Jean Carlos Barbosa de Souza ⁴

Elainy Duque de Souza ⁵

RESUMO

Este artigo apresenta as vivências pedagógicas dos bolsistas do programa institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID) no subprojeto de geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), desenvolvido na Escola Estadual Aderson de Menezes, no município de Parintins- AM. Por meio da imersão no ambiente escolar, o trabalho buscou integrar teoria e prática, experimentando metodologias ativas no ensino da Geografia, esta análise se pauta em uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados entrevista com os alunos da escola. Por meio da análise de dados observou-se especialmente os alunos do 7º ano ao 9ºano. A experiência proporcionou o desenvolvimento de práticas inovadoras, favoreceu a construção da identidade docente e reafirmou o papel da escola pública como espaço de formação cidadã e crítica. Foram planejadas e executadas diversas oficinas temáticas, voltadas para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a compreensão dos conteúdos geográficos de forma contextualizada. Entre elas, destacam-se: a oficina sobre os continentes, que teve como tema: Rolê continental, que trabalhou a importância de cada continente e suas diversidades e diferenças; a oficina globalização e meio ambiente, onde os estudantes produziram desenhos e maquetes com perguntas sobre queimadas e o uso correto da água no dia a dia; e a oficina sobre a população brasileira que teve como tema: Gincana das cores, que utilizou brincadeiras simples para demonstrar e ensinar sobre os estados brasileiros e suas populações. E a oficina sobre continente europeu, voltada para os alunos do 9º ano, com análise de mapas, jogo da memória e caça palavras. incentivando a participação ativa dos alunos mais tímidos. Essas atividades foram complementadas por práticas interativas, como jogos educativo e dinâmicas de grupo, que favorecem o engajamento e o aprendizado colaborativo. A atuação do PIBID permitiu vivenciar o cotidiano escolar sob múltiplas perspectivas: como aprendiz, ao absorver saberes da experiência docente, e como educadora em formação, ao assumir o protagonismo no planejamento e execução de atividades.

Palavras-chave: Geografia, Formação Docente, Educação Básica, Metodologias Ativas.

¹ CCBS. Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual - UEA, Ccbs.geo22@uea.edu.br;

² CRS. Graduando pelo Curso de Geografia da Universidade Estadual - UEA, Crsi.geo24@uea.edu.br;

³ FSA. Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual - UEA, Fdsan.geo24@uea.edu.br;

⁴ JCBS. Graduando no Curso de Geografia da Universidade Estadual - UEA, Jcbdso.geo24@uea.edu.br;

⁵ Professor orientador: EDS. Mestra em Ciências da Educação; Graduação em Licenciatura Plena em Geografia Centro de Estudos Superiores de Parintins, CESP/UEA; Mestrado Em Ciências da Educação.

Universidade de La Integracion de Las Américas, Unida, Paraguai, henriqueduquesouza@gmail.com;





INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da vivência como bolsista do subprojeto de geografia do PIBID/UEA e tem como objetivo apresentar a trajetória construída entre os meses de novembro de 2024 à julho de 2025. Durante esse período, a Escola Estadual prof. Aderson de Menezes, oportunizou o contato direto com a realidade escolar e contribuiu para o aprofundamento na formação docente inicial.

Ao longo dessa enriquecedora trajetória, foi possível vivenciar transformações profundas e significativas no processo de formação pedagógica, marcando uma diferença notável em relação às experiências anteriores, que se restringiam, em grande parte, à observação do ambiente escolar. A partir da inserção no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), essa realidade foi ressignificada, permitindo uma participação mais ativa, reflexiva e comprometida com a prática docente.

A vivência proporcionada pelo programa ultrapassou os limites da sala de aula como espaço apenas de aprendizado teórico, promovendo uma imersão efetiva no cotidiano da escola e possibilitando o envolvimento direto nas múltiplas dimensões do trabalho pedagógico. Os bolsistas puderam participar da elaboração de planos de aula, da organização e execução de atividades práticas com os alunos, bem como do planejamento coletivo junto aos professores da instituição. Em muitos momentos, foi confiada aos participantes a responsabilidade de ministrar aulas, propor estratégias didáticas, desenvolver materiais pedagógicos e acompanhar de perto os desafios enfrentados no ambiente escolar.

Todo esse processo foi realizado sob a orientação e supervisão atenta da professora supervisora e da equipe pedagógica da escola, que contribuíram de forma significativa para a formação dos futuros docentes, oferecendo apoio, feedbacks construtivos e reflexões que enriqueceram ainda mais a experiência. Assim, o PIBID se mostrou uma ferramenta essencial para a formação inicial, ao aproximar teoria e prática, incentivar a autonomia, fortalecer o compromisso com a educação e preparar os bolsistas para os desafios reais da profissão docente.

As atividades foram desenvolvidas nas turmas de 7º ano ao 9º ano do ensino fundamental, foi necessário adequar a metodologia, buscando uma linguagem acessível para ingressar as atividades interativas, fortalecessem o interesse e a compreensão do aluno nos conteúdos. Esse processo constante de adaptação configurou-se como um dos aprendizados mais significativos do período.





METODOLOGIA

A metodologia do trabalho está fundamentada na abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência. A atuação ocorreu entre novembro de 2024 e julho de 2025, no contexto do subprojeto de Geografia do PIBID/UEA. As atividades foram desenvolvidas com turmas do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Aderson de Menezes.

As ações envolveram observação participante, planejamento conjunto com a professora supervisora, elaboração de planos de aula, oficinas didáticas e aplicação de atividades interativas com os alunos. As oficinas foram pensadas com base nos conteúdos da BNCC, articulando jogos, desafios e recursos visuais. A escolha das atividades considerou o perfil das turmas, a realidade sociocultural dos alunos e os recursos disponíveis na escola.

Além das atividades em sala de aula, também foram realizados momentos de integração com a comunidade escolar e visitas técnicas, como a realizada à Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que possibilitou a ampliação do repertório cultural e pedagógico dos alunos e bolsistas. A metodologia proposta, portanto, teve como princípio norteador a articulação entre teoria e prática, com foco na participação ativa dos alunos na formação crítica dos futuros docentes.

Houve planejamento de oficinas para incentivar os alunos no ramo da geografia e mostrar uma visão mais ampla de como se pode trabalhar a disciplina. As oficinas foram planejadas com base nos conteúdos curriculares da disciplina de Geografia e buscaram integrar metodologias ativas, com ênfase na ludicidade, no trabalho em grupo e na aprendizagem significativa. As temáticas abordadas nas oficinas incluíram população brasileira, continentes, globalização, meio ambiente e diversidade cultural, utilizando recursos como: jogos, dinâmicas de grupo, uso de maquetes e atividades práticas em campo.

Durante o período de atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), como bolsista do subprojeto de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), tivemos a oportunidade de vivenciar experiências significativas no ambiente escolar. Uma delas ocorreu em uma aula com a turma do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professor Aderson de Menezes, no município de Parintins-AM.



Figura 1: Explicação da Oficina Rolê Continental no 8º ano



Fonte: Cristina Souza, 2025.

A proposta da aula era trabalhar o conteúdo sobre os continentes, suas características físicas, culturais e econômicas. Para isso, planejamos a oficina intitulada “Rolê Continental”, que tinha como objetivo tornar a aprendizagem mais lúdica e participativa. Dividimos a turma em seis grupos, cada um representando um continente. Os alunos receberam uma missão: pesquisar, organizar e apresentar informações sobre os aspectos principais daquele continente, como países, bandeiras, culturas, relevo e clima.

Antes do início da dinâmica, explicamos os critérios da atividade, as etapas do jogo e os materiais que seriam utilizados. Durante a aplicação, os grupos demonstraram grande entusiasmo, colaborando entre si e expressando criatividade nas apresentações. A cada etapa cumprida, os grupos ganhavam pontos, o que incentivava o espírito de competição saudável. Além disso, utilizamos perguntas interativas para reforçar os conteúdos e promover o raciocínio lógico.

O mais marcante nessa atividade foi observar o envolvimento dos alunos: aqueles que normalmente demonstravam pouca participação nas aulas tradicionais se mostraram ativos e



confiantes. A troca de saberes entre os grupos e o apoio mútuo durante os desafios reforçaram valores como cooperação, respeito e responsabilidade.

Ao final da atividade, fizemos uma roda de conversa para avaliar a oficina. Os alunos relataram que aprenderam mais “brincando” e que gostariam de mais aulas naquele formato. De acordo com os Pibidianos em seu relato, essa experiência foi fundamental para compreender que metodologias interativas tornam o ensino mais significativo, despertam o interesse do aluno e facilitam a construção do conhecimento geográfico de forma mais concreta e prazerosa.

Essa vivência reafirmou a importância do planejamento, da escuta ativa e da capacidade de adaptação por parte do docente. O uso de oficinas e atividades lúdicas em sala de aula, quando bem estruturadas, transforma o espaço escolar em um ambiente de aprendizagem mais humanizado e eficaz.

Houve também múltiplas oficinas como: gincana das cores, onde o objetivo era promover a exploração e a valorização da riqueza cultural e geográfica do Brasil, através de atividades lúdicas e educativas, estimulando o conhecimento e a apreciação da diversidade populacional e regional do país, enquanto fomenta o trabalho em equipe, a criatividade e o raciocínio em grupo.

A oficina gincana das Cores, sobre população Brasileira foi uma experiência enriquecedora e desafiadora para os alunos do 7º ano do ensino Fundamental, proporcionando uma compreensão mais profunda da complexidade da sociedade brasileira e contribuindo para o desenvolvimento de habilidades importantes para a vida dos alunos no decorrer de sua jornada estudantil. Além disso, contribuiu de forma concreta para o fortalecimento de habilidades essenciais para a vida escolar e para a construção de uma postura mais reflexiva, colaborativa e respeitosa diante da diversidade.

Figura 2: Alunos do 7º ano montando o mapa do Brasil de acordo com os seus Estados



Fonte: Cristina Souza, 2025.

No decorrer do ano letivo, foi se dada a oportunidade para os pibidianos de geografia, para fazer mais uma oficina na turma dos 9º anos, onde o tema era globalização e meio ambiente, do qual os mesmos montaram um tema em cima desse outro tema, com a titulação: “Cassino Ambiental”, para estimular os alunos a estudarem mais e para ganhar brindes.

A Oficina Cassino Ambiental tem por objetivo geral, estimular o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas sobre a globalização, por meio de uma atividade lúdica e interativa, que incentive a participação ativa e o aprendizado significativo.

A Dinâmica teve duas roletas, uma para ganhadores e outra para os que errarem as perguntas ou não responderem, no centro da sala ficaram as cadeiras na direção do quadro branco do qual terá vários papéis que neles estavam as perguntas todas inumeradas, perguntas relacionadas ao conteúdo estudado em sala de aula, do qual é sobre globalização e meio ambiente

Contudo, a oficina tem por intuito, buscar despertar o interesse no aluno em favor a geografia, tirar mais aquele pensamento que “a geografia é chata e não é interessante”, e quem sabe formar futuros ambientalistas. Os alunos viveram em um momento educativo e alegre, fortalecendo a inclusão social entre turma.

Figura 3: explicação da oficina para a turma do 9º ano.



Fonte: cristina souza, 2025.





No entanto, houve mais uma oficina nas turmas de 9º ano, onde o assunto abordado foi sobre o Continente Europeu. A oficina tem como base, demonstrar aos alunos quais são as culturas, países que vivem naquela região, e aprender quais as cores das bandeiras de cada país. Assim estimulando o mais o crescimento do conhecimento do aluno com base na oficina e demonstrando de forma fácil e divertida como é bom aprender brincando sobre o continente Europeu.

Essa oficina tem por objetivo geral, promover o aprendizado sobre o continente europeu de forma explorativa, incentivando a criatividade e a valorização da diversidade cultural entre os alunos do 9º ano 1. Sendo assim, promove resultados positivos que não apenas olham a aprendizagem como conteúdo curricular, mas também a formação integral dos alunos, preparando-os para atuar com consciência crítica e respeito em uma sociedade plural.

Figura 4: Apresentação e explicação da Oficina Continente Europeu



Fonte: Cristina Souza, 2025.

A oficina sobre o Continente Europeu pode ser uma porta de entrada para outras explorações geográficas e culturais, estimulando os alunos a aprender mais sobre o mundo e suas características. Além disso, a oficina pode ajudar a desenvolver habilidades importantes para a vida, como a comunicação, o trabalho em equipe e a resolução de problemas.

A oficina sobre o Continente Europeu é uma oportunidade para os alunos aprenderem de forma divertida e interativa sobre as culturas, países e bandeiras da região. A abordagem utilizada visa estimular o crescimento do conhecimento infantil, e expandir para outras localidades do ensino básico, demonstrando que aprender pode ser divertido e agradável.

REFERENCIAL TEÓRICO





A formação inicial de professores é um processo que exige a articulação entre o conhecimento teórico adquirido na universidade e a vivência prática no ambiente escolar. Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se destaca como uma política pública essencial para aproximar licenciandos da realidade educacional brasileira, permitindo que desenvolvam competências didáticas, habilidades de gestão de sala de aula e sensibilidade para lidar com a diversidade presente na educação básica.

De acordo com Paulo Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Essa perspectiva dialoga diretamente com a proposta do PIBID, pois o programa não se limita a preparar o futuro docente para transmitir conteúdos, mas busca formar um educador capaz de promover aprendizagens significativas, por meio do diálogo, da escuta ativa e da valorização das experiências dos estudantes.

O ensino de Geografia, por sua vez, exige que os conteúdos sejam trabalhados de maneira contextualizada, conectando-os à realidade sociocultural dos alunos. Cavalcanti (2012) aponta que o papel do professor de Geografia vai além de apresentar conceitos e dados; ele deve estimular a reflexão crítica sobre o espaço geográfico e suas transformações, incentivando o estudante a compreender as relações entre sociedade e natureza. Assim, metodologias ativas, jogos didáticos e oficinas temáticas, como as desenvolvidas no âmbito deste trabalho, configuram-se como estratégias que ampliam o interesse e o engajamento dos discentes.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) também reforça a necessidade de que a prática pedagógica promova aprendizagens que desenvolvam competências e habilidades, priorizando situações que estimulem a investigação, a resolução de problemas e o trabalho colaborativo. No caso do ensino fundamental, o componente curricular de Geografia deve possibilitar que o estudante compreenda a diversidade do território e as múltiplas escalas de análise, articulando conhecimentos locais e globais.

Portanto, o referencial teórico que sustenta este trabalho está ancorado na concepção freireana de educação libertadora, na defesa de metodologias participativas e na valorização de práticas pedagógicas que rompam com a lógica transmissiva, incentivando a autonomia intelectual do aluno. A inserção do licenciando no contexto escolar, como prevê o PIBID, constitui uma oportunidade singular para vivenciar e experimentar essas abordagens,



fortalecendo sua identidade docente e sua capacidade de transformar a sala de aula em um espaço democrático e significativo de aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) permite ao futuro professor vivenciar desde cedo os desafios e as potências do espaço escolar. Ao proporcionar uma imersão crítica e formativa na realidade educacional brasileira, o programa fortalece o compromisso do licenciando com uma educação libertadora, tal como propunha Paulo Freire. Para Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Nessa perspectiva, o PIBID se configura com um espaço de construção coletiva, em que teoria e prática se entrelaçam, aproximando o licenciando de uma atuação ética, sensível e conciente.

A convivência e a troca de experiência com professores da educação básica, bem como com demais bolsistas do programa, propiciam um ambiente formativo que rompe com a concepção tradicional do docente como mero transmissor ou reproduzidor de conteúdo. Contudo, houve momentos que os alunos mais tímidos se destacaram quando o assunto foi oficinas, pois os mesmos sabiam todas as respostas e participavam muito para ganhar brindes, houve momentos que muitos falavam queriam que fizessemos mais vezes as oficinas em suas turmas. Segundo o gráfico de satisfação dos alunos na figura 5 mostra o resultados dessa pesquisa.

Figura 5: Gráfico de Satisfação e Insatisfação dos alunos sobre as Oficinas realizadas.





Fonte: Cristina Souza, 2025.
Associação Nacional de Instituições de Ensino Superior
IX Seminário Nacional do PIBID

No decorrer do ano letivo, observou-se que as oficinas pedagógicas desenvolvidas nas turmas tiveram ampla aceitação e geraram elevados índices de satisfação entre os estudantes participantes. As atividades, planejadas de forma a integrar conteúdos curriculares a metodologias ativas e dinâmicas, despertaram o interesse dos discentes e favoreceram sua participação efetiva nos processos de aprendizagem. Diversos relatos espontâneos evidenciaram que os alunos perceberam as oficinas como momentos diferenciados, capazes de romper com a rotina tradicional das aulas e de promover um ambiente mais interativo e colaborativo. Além de contribuir para a compreensão dos conteúdos trabalhados, as oficinas possibilitaram a valorização das experiências prévias dos estudantes, favorecendo a construção coletiva do conhecimento e reforçando a relevância do diálogo no processo educativo.

Além disso, o contato com os professores da educação básica e com outros bolsistas, possibilitam uma troca de saberes que rompe com a ideia do docente como mero reprodutor de conteúdos. A docência, conforme Freire, exige coragem para lutar por uma escola que não seja instrumento de domesticação, mas lugar de formação crítica. Assim ao vivenciar o cotidiano escolar o pibidiano percebe que ser professor não é apenas ensinar disciplinas, mas formar sujeito críticos, dialogando com suas realidades e experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no âmbito do PIBID/ UEA , desenvolvida na escola estadual professor Aderson de Menezes, demonstrou que a inserção precoce do licenciando no ambiente escolar é fundamental para a construção de uma prática docente crítica, reflexiva e contextualizada. As oficinas e metodologias ativas aplicadas nas turmas do 7º ao 9º ano mostram-se eficazes não apenas para a compreensão dos conteúdos geográficos, mas também para o fortalecimento do vínculo entre aluno e professor, estimulando a participação, a curiosidade e o pensamento crítico.

As dinâmicas , jogos e atividades lúdicas romperam com o modelo tradicional de ensino, revelando potencial para transformar a sala de aula em um espaço mais interativo, inclusivo e colaborativo. A vivência reafirmou a relevância do PIBID como política pública





de formação docente, capaz de aproximar a universidade da escola e de preparar futuros professores para os desafios reais da profissão.

Contudo, as ações realizadas evidenciam a necessidade de continuidade e fortalecimento de programas que incentivem práticas inovadoras no ensino, pois estas contribuem para uma educação pública de qualidade, comprometida com a transformação social e com a formação integral dos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Brasília: Ministério da Educação**, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

CAVALCANTI, L. de S. **Ensino de Geografia e Cultura Escolar: currículo, saberes e práticas**. Campinas: Papirus, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. p. 23, 1996.

